

EXPERIÊNCIA INDÍGENA

# Pareci enfrenta os Projetos Econômicos

Daniel Cabixi

*Daniel Cabixi apresentou na Assembléia Regional do Cimi-Mato Grosso, realizada em junho/81, um relato sobre a experiência do seu povo, os Pareci face as sucessivas etapas de incorporação da comunidade indígena nas redes apertadas da grande economia da sociedade brasileira. A ênfase de Daniel Cabixi é sobre os efeitos danosos e destruidores dos atuais projetos econômicos que o Governo, através da Funai, está impondo na maior parte das aldeias indígenas do Brasil. Como reagir a essas investidas integracionistas da Funai de modo a preservar a coesão da sociedade indígena tão abalada pela exploração do sistema capitalista sob o qual vivemos, é uma preocupação de Daniel nessa análise. O Porantim reproduzirá partes da extensa análise de Daniel Cabixi.*

Para melhor avaliar meu ponto de vista sobre o nosso atual estágio econômico diante da economia nacional, farei um breve relato das frentes de contato e suas consequências, que foram mais maléficas do que benéficas às comunidades indígenas. Passarei a seguir, a descrever nossas peculiaridades econômicas atuais. Inclusive o projeto de lavoura mecanizada, sua aplicação e seus reflexos sociais.

## O CONTATO

Como sabemos, a economia das sociedades indígenas, tradicionalmente, é baseada na caça, pesca, coleta de frutas silvestres e uma agricultura, — na maioria das vezes — rudimentar. No processo de contato este sistema equilibrado de economia, sofre rupturas, abalando a estrutura desta economia e tem reflexos sociais altamente nocivos aos indígenas.

Com o correr do contato, a forma etnocêntrica e colonialista de imposições dos civilizados leva ao colapso o comportamento, já estruturado, dos índios. Isto afeta diretamente, — melhor dizendo —, têm reflexo negativo na economia do índio. Acontece isto porque a forma como são doados os novos valores materiais não educa o índio no sentido de conseguir "as coisas" com seu esforço ou sua participação. Porque olhando sob o prisma de "produção e consumo", jamais essas coisas seriam doados como o são para os índios:

Me parece que é a partir desta realidade de contato que os índios aos poucos assimilam a idéia de que devem receber sem contribuir. Isto é a origem do paternalismo material. Para reforçar este princípio no índio, o próprio civilizado guiado por seus preconceitos etnocêntricos favorece o estruturamento deste tipo de pensamento no índio; pois é comum se ouvir dizer que aos índios se dá o direito de "exigir as coisas que o governo manda". Isto aliena o pensamento indígena tirando-lhe as possibilidades de uma autêntica integração.

Os principais agentes responsáveis em criar novas necessidades aos índios são: as frentes de pacificação, frentes missionárias, frentes extrativistas, frentes de mineração, frentes pastorais, frentes agrícolas, e finalmente a expansão rodoviária que expõe as sociedades indígenas sob o maciço contato com a sociedade nacional.

Quando os índios estão "integrados" ou seja, "são civilizados"; praticamente a maioria dos grupos que iniciaram o contato estão desaparecidos por causa dos massacres, doenças e seu desaparecimento compulsório como grupos étnicos. Encontramos sim, remanescentes esparsos das tribos desaparecidas.

Vemos então que, os processos de contatos e os métodos de introdução de novos valores destroem a economia tribal e o conjunto de valores que determinam o comportamento indígena. Daqui é que parto do seguinte princípio: Se todas estas frentes tivessem o conhecimento, a compreensão, e sobretudo o respeito às formas de vida índia e não intervissem, hoje não estaríamos em situações tão calamitosas.

Mas por acontecer o contrário estamos terrivelmente, — nos dias atuais —, dependentes que as vezes chegamos ao cúmulo de uma total miséria. Tanto é que, se quisermos mudar o rumo dos acontecimentos, torna-se necessário, no momento, fazermos interferências. Esta interferência deverá ser correta e eficaz para que devolvamos a maneira de pensar e agir das sociedades indígenas, pois, muitos grupos já não conseguem caminhar de per si.

## EXPERIÊNCIA JUNTO AOS PARECI

Para começo de conversa, descreverei, mais ou menos, a situação em que encontrei meu povo. Por isso retornarei um pouco no passado quando então, meus antepassados tiveram contatos com diversas frentes de



Daniel Cabixi, um líder Pareci. (Foto Paulo Suess)

penetração e como essas frentes influíram no atual estágio social e econômico dos Pareci. Fomos afetados diretamente pelas frentes extrativistas, pastoris, mineração e anterior a estas, com os predadores de índios. Tivemos contato com missionários e fomos afetados pela expedição de linhas telegráficas e mais recentemente pelo sistema maciço de implantação de rodovias, o que acarretou a vinda maciça de fazendas agrícolas a partir da década passada.

Na medida em que estas frentes vieram envolvendo-nos, fomos assimilando novos valores materiais e conceitos que fugiam da real interpretação desta nova realidade. A dispersão e a depauperação étnica do grupo foram as consequências fatais e inevitáveis deste confronto com a sociedade nacional. A depopulação deu-se:

- a) pelas perseguições e doenças,
- b) pelas levas de índios para as matas de poaia e seringais,
- c) pela aquisição de mão-de-obra na extensão de linhas telegráficas,
- d) pela aquisição desta mesma mão-de-obra nos mais diversos trabalhos,
- e) pelos sistemas de educação, que obedecendo a uma norma geral de imposição e de dominação; preparou os índios com tendência a fugir de seu povo.

"Os efeitos acumulativos" de novas necessidades advinda do contato e a crescente dependência econômica obrigou-nos a buscar novas formas de economia, por exemplo.

## O ARTESANATO

Por vários anos, o artesanato, foi nossa principal fonte de renda monetária; hoje ela está ameaçada por causa da mudança da estrada para o Vale do Guaporé. Isto significa crise na atual economia e o agravamento desta situação, portanto urge o estudo e análise desta situação para que possamos definir novas formas de ação viáveis que estejam dentro das possibilidades dos Pareci.

O fator venda de artesanato, fez com que relegássemos a economia agrícola de subsistência a um segundo plano. Simplesmente porque o mesmo ofereceu condições de resultado imediato. A caça continua tendo a mesma intensidade de motivação, isto porque:

- a) — por ser a principal fonte de carne,
- b) — porque é fonte de certas matérias-primas para o fabrico de alguns artesanatos.

Para os novos hábitos alimentares parece que não se dá muita importância, porque é comum se ver índios aplicarem os fundos arrecadados em materiais supérfluos ao invés de satisfazer suas reais necessidades.

Outra consequência deste processo econômico é a tendência para o individualismo, pois todo o dinheiro arrecadado de forma individual não se presta para aplicação comunitária.

Acrescento a estas consequências a mentalidade predominante no seio Pareci que é o de receber "as coisas", sem contribuir.

Do abandono das roças, da má aplicação do dinheiro, ocorre a terrível consequência de penúria a que estamos submetidos.

Recentemente, parece que a atenção de algumas famílias estão se voltando para as roças de subsistência de uma forma mais efetiva; pois estão sentindo a instabilidade que, outros meios e o próprio artesanato oferece.

## A COOPERATIVA

Convém mencionar a experiência de uma certa cooperativa no tema, A Economia Pareci.

A finalidade desta cooperativa, — que não tinha nada de princípios cooperativistas—; era o de suprir as necessidades básicas dos Pareci, tais como: açúcar, café, sabão, sal, gordura de cozinha, etc. Isto para evitar a exploração feita por marreteiros e vendedores de estrada.

Basicamente, a cooperativa propunha a vender mais barato e facilitar a troca e venda de artesanatos. Eu, como responsável direto, tentei aplicá-la a sua finalidade.

Quando assumi a cooperativa, fazia pouco tempo que havia retornado dos meus estudos. E como as últimas férias de aula passei junto a mãe; épocas então, quando pude sentir a difícil situação do meu povo. O motivo de dirigir a cooperativa, automaticamente me jogou fora da realidade Pareci. Isto aconteceu porque fiquei tendo uma certa estabilidade econômica, o que contrastava com a situação dos demais.

A busca constante de meios para adquirirem (os Pareci) status dentro do grupo e diante dos civilizados, fez com que minha posição gerasse ciúmes e invejas dentro do grupo. Principalmente o capitão João Arrezomaré que, — segundo me parece — viu-me como um intruso em seu caminho. Digo isto porque durante anos ele tentou consolidar uma coisa desse gênero e não conseguiu. Nesta época João ainda tentava consolidar seu prestígio de chefe, como também, o de adquirir estabilidade econômica.

Hoje, João possui um veículo sob seu poder e um salário de mais ou menos quinze mil cruzeiros mensais, além disso, como é natural, usufrui de outras regalias que a Funai lhe proporciona.

Continuemos com o assunto da Cooperativa. No ano de sua implantação e anos posteriores tentei — auxiliado por leigos missionários — um trabalho de conscientização. Acontece que cometi equívoco — refiro-me a minha posição em relação aos demais. Comparei-me com um "farto" que fluta na folga, tentando impor — ou aconselhando normas de vida sem viver ou sentir o problema Pareci. Foi após descobrir esta verdade que espontaneamente entreguei o cargo da Cooperativa sob a responsabilidade do João. Mas, eu previa que isto daria em nada. Assim como foi previsto, a Cooperativa acabou em nada.



EXPERIÊNCIA INDÍGENA

# Fracasso dos Projetos Econômicos

Foi dentro das duas realidades acima descritas, que tentamos implantar o sistema de lavoura mecanizada. Uma monocultura, o arroz.

Não foi com surpresa que vimos este trabalho ser ineficaz. Isto ocorreu por três motivos principais:

1) - Porque os Pareci não estavam suficientemente conscientizados quanto a atitude que deveriam tomar frente ao projeto, e por isso as diversidades de opiniões fugiam ao real objetivo do projeto. Exemplo: Numa reunião anterior à implantação do projeto, representantes de várias aldeias tiveram presentes no encontro na aldeia Makuatyakerê. Quando se deu palavra aos participantes, Orivaldo, da aldeia do Sacre, expôs mais ou menos o seguinte: "Nós temos que trabalhar agora porque vem o trator. Vamos plantar muito arroz. Vamos repartir o arroz entre nós e o que sobrar vamos vender para repartir o dinheiro entre nós". Este índio no entanto foi um dos que mais criou problemas no andamento do projeto.

2) - Não contamos com que espécies de interferência este projeto iria fluir dentro do atual padrão cultural do grupo.

3) - Por ser um projeto, de certa forma, imposta. Disto decorreu que os Pareci viram o projeto, não como seu, mas como obrigação de agentes externos para o grupo.

Hoje o projeto está inativo. E é comum, nos dias de hoje, alguns Pareci me perguntarem se não vai mais plantar arroz. Isto acontece não porque eles entenderam corretamente o objetivo do projeto, mas por causa de fatores como:

- crise de alimentos,
- não se vende mais facilmente o artesanato, exceto nas aldeias do Juruena, Juína, Uirapuru. Aldeias que continuam fora da influência do Rio Verde,
- e fechamento do posto Rio Verde, (até pouco tempo serviu de um centro comercial de venda e compras).

Dentro desta realidade, pode-se comparar o projeto como tentativa de construir o edifício do teto para os alicerces. Portanto, para melhor compreendermos o que foi este projeto é necessário analisarmos sob prisma técnico e antropológico, todas as fases do mesmo para vermos as conveniências e as inconveniências.

Uma das mais importantes incidências sociais foi a influência desastrosa de certos Pareci que conheceram de perto, inclusive, conviveram com a civilização. A dura realidade em que vivemos reprime suas paixões, orgulho e vaidade, pois não podem viver como os "civilizados". O esforço a que se submetem para viverem satisfatoriamente dentro do grupo, não permite a presença de rivais; principalmente, quando se trata de manusear dinheiro. Esta situação gera um clima de fuxico dentro do grupo. E a tendência de tais fuxicos é isolar e prejudicar moralmente os elementos de frente. Outra característica comum, que não é somente destas pessoas, é que não se submetem a um sistema ordenado de trabalho. O que vem em prejuízo de todos.

Hoje, longe de uma cooperativa, longe de manusear fundos de projeto, sentindo as mesmas necessidades do dia a dia, vejo a problemática Pareci sob outro ângulo.

Eleito como segundo chefe, criei o corpo de assessoramento de chefia. Estes assessores têm como objetivo principal:

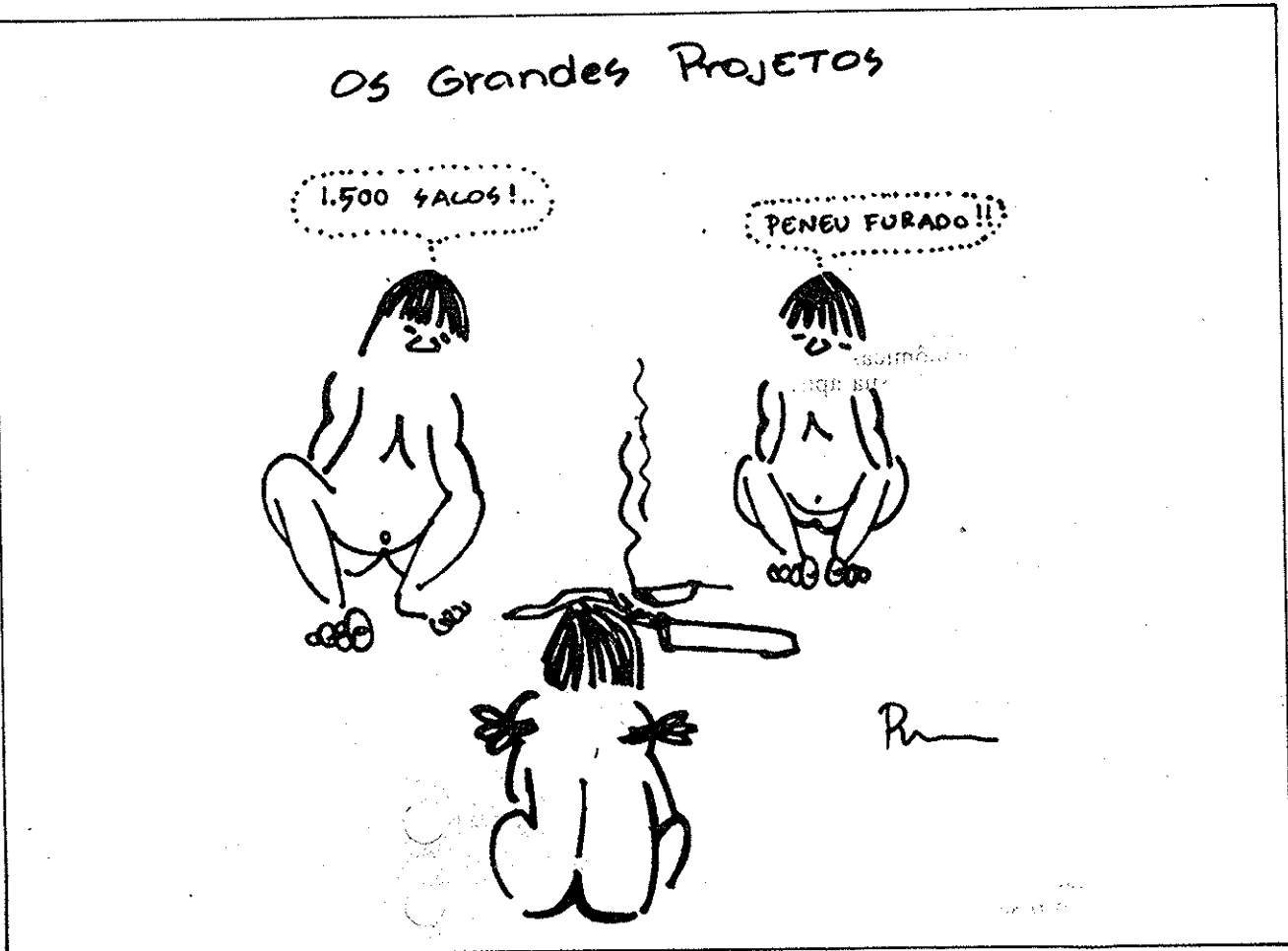
- 1) - quebrar o isolamento a que estive submetido até agora,
- 2) - freiar, o que eu chamaria de incompatibilidade do chefe diante dos problemas, índios e civilizados e vice-versa,
- 3) - serem, juntamente comigo, conscientizadores do grupo e do próprio chefe,
- 4) - equipe para estudar, analisar, discutir e sobretudo discernir novos rumos para esta nossa abalada situação.

## UTIARITI E FORMOSO

A seguir citarei dois exemplos de programas: Utiariti, com seu sistema de "educação", seu reflexo na atualidade e o Projeto Econômico da Comunidade Indígena do Formoso. Faço questão de dizer estas coisas, porque estão intimamente ligadas com nosso estágio econômico atual.

a) O programa de promoção humana implantado em Utiariti preparou de certa forma, a alienação de uma série de famílias índias que o frequentaram.

É oportuno no momento rever a resposta dada à



minha carta depoimento, por Dom Henrique Froehlich, em 02/08/76. Em meio a resposta acertadas houve algumas que não condizeram com a realidade. Entre elas a seguinte citação:

"Aliás, não acredito que vocês não têm a capacidade de raciocinar. Não é educação, Utiariti, paternalismo ou outro ismo a desculpa válida para dispensar-se do trabalho de raciocinar com força e responsabilidade própria: é a própria preguiça de pensar, o medo de viver, um receio de respeitar-se a si mesmo: o homem vence este medo de viver, quando deixa de culpar os outros pelos fracassos, ou pelo que ele considera como tais, e começa a assumir a responsabilidade pelo que pensa, diz e faz".

Estas coisas foram ditas num momento quando se comprova com clareza que as missões foram responsáveis e colaboradoras em destruir a cultura dos povos indígenas. Tanto assim é que para os índios assumirem dignamente esta nova realidade é necessário a implantação de processos de reeducação integral do índio a partir da nossa realidade atual. Que nos devolvam a nossa capacidade de iniciativa roubada. Pergunto: a quem cabe esta responsabilidade?

Responde: Aos índios em primeiro lugar, em segundo lugar aos missionários e todos aqueles que nos propõem ajudar neste processo de reeducação.

b) Havia uma área de terra em litígio na aldeia Formoso que, para vê-la solucionada de forma satisfatória à vontade dos índios e a do fazendeiro, celebrou-se um acordo através da Funai. Neste Acordo, os Pareci do Formoso cederam uma parte de terra em troca de quatro anos de ajuda econômica. Esta ajuda econômica, sem planejamento prévio, em forma de maquinário e insumos e recursos monetários que foram aplicados no trabalho, tudo isso trouxe, como se previa, consequências de caráter dissociativo e o desequilíbrio do processo normal das roças de subsistência. Agora, o projeto está na sua fase final e o resultado foram fracassos sucessivos.

No início do projeto os índios tentaram implantar o sistema de trabalho idêntico aos sistemas usados pelos civilizados. Eles pensavam que tudo daria certo, mas colheram desavenças internas por causa do trator. Circunstâncias estas parecidas com o início do projeto de lavoura mecanizada na reserva.

Hoje, torna-se necessário, reparar o erro, levar ao

conhecimento daquela comunidade esta causa desfavorável a eles. No entanto barreiras de caráter etnocêntrico daquela comunidade não permitem que a gente vá interferir nas "suas coisas".

Com a saída do principal responsável daquele setor, as coisas parecem mudar de rumo. E os novos dirigentes daquela comunidade procuram mais diálogo, o que me leva a crer que, com a orientação e persistência consigamos recuperar o perdido.

## CONCLUSÃO

Concluindo tudo o que foi dito até o momento, teremos uma visão de fatores que implicam na mudança de economia tribal, ou melhor dizendo, na desintegração da economia tribal diante da economia mercantil. Veremos então, que as principais consequências são:

- 1) A desestruturação de nossa economia tribal e suas consequências dissociativas.
- 2) A "assimilação" de novos valores econômicos e culturais.

- 3) A dependência econômica.
- 4) A imposição de conceitos que criam pensamentos de depender no índio.

- 5) Tendência para a individualização.
- 6) Deformação do pensamento indígena diante do mundo dos civilizados.

- 7) Fracassos de implantação de projetos econômicos em áreas indígenas por fatores como:

- a) imposição de tais projetos;
- b) desconhecimento da realidade indígena nos aspectos culturais e econômicos e o desconhecimento de implicâncias dos projetos sobre tais ordens de valores;
- c) a falta de infra-estrutura necessária e adequada à realidade indígena;
- d) falta de orientação correta e adequada que leve o índio a assumir estes projetos.

## Perspectivas para o Futuro

Para que haja uma melhoria econômica para o índio é necessário incentivar, orientar os grupos indígenas que já vem aplicando corretamente métodos de trabalhos autônomos. Segunda, aplicar planos de reeducação, que chamaria de conscientização, nos grupos em vias de desintegração ou que já não conseguem novos rumos. Isto significa, devolver em profundidade o conhecimento de nossa realidade e orientar-nos para que busquemos nos resquícios de nossas tradições, elementos que sirvam de estímulo para uma vida nova.